

Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana¹
Robert Moura²

Resumo

Este artigo apresenta um cenário do ensino musical na cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX, a partir de um levantamento realizado nas edições do *Jornal do Commercio* do ano de 1891 e do *Almanak Laemmert* publicado no mesmo ano. Foram consultados os anúncios de aulas de música particulares e de instituições de música ou de escolas regulares, objetivando contribuir para a compreensão da situação do ensino musical na capital do Brasil nesse período e apresentar um levantamento das ofertas de aulas, os instrumentos musicais estudados, escolas e professores em atividade. Em um total de 121 anúncios analisados, observou-se uma predominância de homens no ensino formal e de mulheres em aulas particulares, sendo o piano o instrumento mais frequente em ambos os casos.

Palavras-chaves: ensino musical; ensino de piano; música brasileira; música no Rio de Janeiro no século XIX.

Abstract

This article presents a scenario of musical education in the city of Rio de Janeiro at the end of the 19th century, based on a survey carried out in the 1891 editions of *Jornal do Commercio* and the *Almanak Laemmert* published in the same year. Advertisements for private music classes and music institutions or regular schools were consulted, aiming to contribute to the understanding of the situation of music education in the capital of Brazil in this period and to present a survey of the offers of classes, the musical instruments studied, schools and active teachers. In a total of 121 advertisements analyzed, there was a predominance of men in formal education and women in private lessons, with the piano being the most frequent instrument in both cases.

Keywords: music education; piano education; Brazilian music; music in Rio de Janeiro in the 19th century.

1

Dr. Fábio Henrique Viana possui Bacharelado em Música (Flauta Transversal) pela Universidade Federal de Minas Gerais (2000), Diploma de Flauta pelo Conservatório Giuseppe Verdi, de Milão, Itália (2003), Mestrado em Música (2005) e Doutorado em História (2011) pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor da Escola de Música e do Programa de Pós-Graduação em Práticas Musicais da Universidade do Estado de Minas Gerais..

2

Ms. Robert Moura possui Bacharelado em Música (Violão Clássico) pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2017) e Mestrado em Artes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2021). Fundador e professor da Alaúde Escola de Música. Em 2021, lançou o EP *Ensaio para a morte* com a trilha que compôs para a peça de teatro homônima



Panorama musical do Rio de Janeiro na década de 1890

Na década final do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro já contava com uma grande movimentação cultural. Na qualidade de capital do Brasil e de cidade mais populosa, ela também era o principal centro econômico do País. Milton Santos (1993, p. 21) assinala que, em 1890, a cidade tinha uma população de 522.651 pessoas. E, como termo de comparação, a segunda e terceira cidades de maiores populações eram, respectivamente, Salvador, com 174.412 e Recife com 111.556. A população do Rio atingiria o número de 691.565 habitantes, em 1900. A cidade abarcaria uma enorme gama de imigrantes estrangeiros e de outros estados, tornando-se o “principal centro produtor e consumidor de cultura, a cidade era a melhor expressão e a vanguarda do momento de transição por que passava a sociedade brasileira” (MOURA, 1995, p. 45). Assim, a

complexidade crescente da cidade do Rio de Janeiro e a diversificação social de sua população geraria nos últimos anos do século [XIX] um público novo, a quem não mais satisfaria, em sua ânsia de divertimentos, os dias do entrudo e as festas religiosas ao longo do ano cristão oferecidas pelas paróquias. Esses anos assistiriam à abertura de uma infinidade de teatros de revista e vaudevilles, de cafés-concerto, cafés-dançantes, chopes-berrantes e cinemas para o entretenimento, principalmente, das novas classes médias urbanas e das elites, em suas noites e fins de semana afastadas da rotina das repartições e do comércio, às vezes aproximados pelo ingresso barato ao povão carioca que se forma naquele contexto (MOURA, 1995, p. 76).

Ary Vasconcelos (1985, p. 5) chama a atenção para a presença do choro e da música popular na cidade, em 1891, destacando os “pequenos grupos instrumentais, formados geralmente à base de flauta, cavaquinho e violão, ou então pianistas/pianeiros maravilhosos” que, em sua opinião, faziam “a mais bela música popular do mundo: o choro”, e cita Calado e Viriato “como dois de seus criadores” (VASCONCELOS, 1985, p. 5). Vasconcelos assinala também que Ernesto Nazareth (1863-1934), então com 28 anos, e Chiquinha Gonzaga (1847-1935), com 44 anos, “estavam em



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

plena produção de obras portentosas, cuja importância, ainda hoje [1985], mal começamos a pressentir” (VASCONCELOS, 1985, p. 5).

Nesse contexto, a cidade estava, de fato, impregnada de música. A música popular podia ser ouvida nas ruas do centro e dos subúrbios da cidade. Vasconcelos registra ainda que, em 1891, o choro completara 21 anos e, nessa altura, já havia uma legião de chorões na cidade do Rio de Janeiro, assim como a prática das serenatas (VASCONCELOS, 1985, p. 6). Ele ressalta que “música brasileira, entretanto, ouvia-se [mais] no recesso dos quintais da Cidade Nova e dos subúrbios e nas calçadas, do que nos lugares em que, a rigor, seria mais apropriado: nos teatros” (VASCONCELOS, 1985, p. 7). Neste mesmo ano, Anacleto de Medeiros, fundador da Banda do Corpo de Bombeiros, iria compor a polca *Está Se Coando*, “um de seus primeiros trabalhos”, conforme Vasconcelos (VASCONCELOS, 1985, p. 7). Nesse sentido, Marcia Taborda (2004, p. 82) observa que os bairros cariocas se tornaram pontos de referência e identificação de músicos populares que eram convidados para tocar em festas nas casas das “boas famílias”.

O carioca desse tempo também iria desenvolver um grande culto aos teatros que se multiplicariam na cidade. Entre eles estavam o Politeama Fluminense, o Apollo, o Recreio Dramático, o Lucinda, o Sant’Anna, o Variedades Dramáticas, o Fênix Dramática, o São Pedro de Alcântara e o Lírico. Vasconcelos (1985, p. 7) aponta que a música que se ouvia nesses teatros era, geralmente, das óperas e operetas estrangeiras:

No Lírico [...] ocupado pela Cia. Dramática Italiana, [...] se destacavam os cantores Andréa Maggi e Pia Marchi, cantou-se o *Othello*, a *Fedora*, o *Amleto*. Muita ópera também foi ouvida no Lucinda: *Tosca*, *Dalila*, *Adriana Lecouvreur*, etc. No Politeama Fluminense, a Cia. Italiana de Operetas desenrolou seu repertório, que ia de *Mascotte* e *A Filha do Tambor-Mor* [...] a *Os Sinos de Corneville* e *Uma Noite em Veneza* [...]. A Cleary’s London Opera Co. deitou e rolou no São Pedro com *O Mikado*. Já no Teatro Variedades, [...] foi reapresentada uma zarzuela em três atos, arranjada por Soares de Sousa Júnior, música dos maestros Chueca e Valverde e da maestrina Chiquinha Gonzaga: *A Dama de Ouros* (VASCONCELOS, 1985, p. 7).



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

De fato, nossas consultas às edições do *Jornal do Commercio*, de 1891, corroboram as palavras de Vasconcelos: constatamos que, nesse ano, as óperas, mas, sobretudo, as operetas, zarzuelas, mágicas e vaudevilles comandaram as programações dos teatros. Boa parte delas cumpriria longas temporadas.

As residências também seriam ambiente regular para a apreciação musical, sendo local recorrente de convivência social, fossem nos bairros mais privilegiados economicamente, fossem nos subúrbios e cortiços. Nas casas da burguesia, o cenário seriam os salões, nas regiões pobres, os quintais. Os bailes eram constantes nesses ambientes. Outro importante ambiente da prática musical na cidade eram os cafés-concerto. Segundo Edmundo (2003, p. 286), “o canto lírico não se fez para o café-concerto do Brasil. O que nele se ama com fervor é a cançoneta brejeira e leve. Nada mais”.

Ensino musical

Toda essa produção não poderia estar desvinculada do ensino musical que iria alimentar e ser alimentada por esse mercado. A partir de consultas a edições do *Jornal do Commercio*, buscamos identificar como era o ensino musical na cidade do Rio de Janeiro, no final do século XIX. A análise dos anúncios publicados que ofertavam aulas de música particulares ou em escolas nos permitiu desenhar um perfil desse recorte.

No ano de 1891, que usamos como base para a pesquisa, podia-se encontrar regularmente ofertas de aulas na cidade do Rio Janeiro. Foram encontrados 33 anúncios de aulas particulares de música nas edições do *Jornal do Commercio* daquele ano. Ao analisá-los, consideramos a variação de ofertas de aulas entre professoras e professores, os instrumentos ofertados, bem como abordagem teórica (harmonia, composição, teoria e solfejo) e afinação de piano. Também nos atentamos aos anúncios de aulas de música que ofereciam outros conhecimentos, tais como aulas de línguas, entre outras disciplinas escolares, atividades artísticas (desenho e pintura) e manuais como bordado e tapeçaria.

Quanto às instituições, aparecem escolas de ensino regular, que também incluíam a disciplina música em seus quadros, e escolas que se dedicavam exclusivamente à música. O Instituto Nacional de Música (atual



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro) oferecia “solfejo individual, canto coral, teclado, violino, violoncelo, contrabaixo, instrumentos de sopro, harmonia e acompanhamento, canto solo, piano, harpa, órgão, contraponto e fuga, composição, história e estética”. Já o Liceu de Artes e Ofícios, além das aulas de música (não especificadas), oferecia “desenho elementar, ornatos, de figura, geométrico, de arquitetura e de máquinas, escultura, português, aritmética, álgebra, geometria, francês, inglês, alemão e escrituração mercantil”.

Dentre as escolas regulares que também ofereciam aulas de música, havia o Colégio Felipe Nery, de instrução primária e secundária, localizado à Rua do Alcântara, 62, que oferecia aula de música (sem maiores especificações); o Colégio Universitário Fluminense, localizado à Rua Itagipe, 91, Engenho Velho, que ofertava aulas de música figurando em seus anúncios aulas de teoria, piano, música coral; o Colégio Abílio, escola de primeiro grau para meninos de 7 a 10 anos, localizado à Rua Marquês de Abrantes, 20, que ofertava aulas de música, figurando em seu anúncio canto e elementos de música com o maestro V. Amabili; a Primeira Escola Pública Primária de Segundo Grau para o sexo masculino que ficava na Rua do Passeio, 9, e oferecia aula de música (sem especificações); a Primeira Escola Primária de Segundo Grau para o sexo feminino, na Rua dos Inválidos, 52, que também oferecia aula de música (sem especificações); o Primeiro Externato da Educadora – Cursos Primário e Secundário (não consta endereço) ofertava música (sem especificações); o Internato particular para meninas, na Rua do Senhor dos Passos, 39, que, além de aula de música (sem especificações), tinha aula de piano; o Externato Andrade, na Rua do Catete, 115, dispunha de aulas de música (sem especificações); e a Escola de Aprendiz Artelheiros, localizada no bairro da Urca, também ofertava aula de música (sem especificações).

A forte presença do piano

Essa relação dos anúncios de aula de música ressalta o piano como instrumento com maior oferta de aulas. Dos 33 anúncios de aulas particulares de música encontrados no *Jornal do Commercio*, em 1891, o piano é citado em 24 (73%) deles. Quatro desses anúncios tratam, exclusivamente, de aulas



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

de piano. Temos 11 anúncios nos quais constam apenas como sendo “aula de música”, que deixam em aberto a possibilidade que o piano também fosse utilizado nessas aulas. Identificamos 4 ofertas de aulas de canto. Aulas de solfejo, flauta, harmonia (com prática aplicada ao piano) aparecem com uma citação cada.

Essa forte presença do piano na educação musical também pode ser percebida através das partituras publicadas pelas editoras do Rio de Janeiro que teriam o instrumento como destino. No mesmo levantamento feito nas edições de 1891 do *Jornal do Commercio*, na área do mercado editorial musical, encontramos anúncios de venda de 20 álbuns de partituras e 130 de peças avulsas das seguintes lojas e editoras: Arthur Napoleão & C., localizada à Rua do Ouvidor, 89; Bushmann & Guimarães, Rua dos Ourives, 52; Imprensa de Música da Viúva Filippone e Filha, Rua do Ouvidor, 93; Casa Editora de Fertin de Vasconcelos & Morand, Rua da Quitanda, 42; Bevilacqua, Rua dos Ourives, 43; Companhia Importadora de Pianos e Músicas (Rua Gonçalves Dias, 73); Casa André Tanue; Livros Importantes (R. Sete de Setembro, 83); e duas lojas sem nome citadas, uma localizada na Travessa de S. Francisco de Paula, 22 e outra na Rua da Quitanda, 38.

Quanto aos gêneros musicais, o volume de obras avulsas publicadas aponta uma maior popularidade da valsa (49 partituras) e da polca (29 partituras), seguidas pela quadrilha (11 partituras), habanera (4 partituras), fantasia (3 partituras). Outros gêneros como o romance (2 partituras), tango (2 partituras), hino (2 partituras), e canção, capricho, gavota, improviso, *mazurka*, melodia, minueto-valsas, monólogo, prelúdio, *scherzetto*, *schottisch* e serenata aparecem com uma partitura publicada cada um. Quanto aos compositores identificamos nomes conhecidos da história da música ocidental, como Carlos Gomes (7 peças), Strauss (6 peças), Chiquinha Gonzaga, Haendel e Tchaikovski, estes três últimos com uma peça cada. Entre os nomes menos conhecidos nos nossos dias figuram M. de Vasconcellos (9 peças), Caet (7 peças), Júlio Reis (6 peças), Ketten (5 peças), J. G. Christo (5 peças), A. Milanez (4 peças), Henrique Braga (4 peças), J. Barata (3 peças), Ernestina Índia do Brazil (2 peças), Ernesto Couto (2 peças), J. B. de Oliveira (2 peças), J. Meissler (2 peças), J. R. Oliveira (2 peças), Julio Perdigão (2 peças), Moszkowski (2 peças), Padarewski (2 peças), Waldteufel (2 peças), Arthur Napoleão (1 peça), Elisa C. Faria (1 peça), Sara Borges (1 peça), Sylvia Berta (1 peça).



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

Temos ainda álbuns com várias peças reunidas que contemplam nomes como os dos compositores Chopin e Schubert, outros são coletâneas de música, por vezes de autores anônimos ou não citados nos anúncios, que parecem ser organizadas de forma mais aleatória, como *Sortimento completo de música de todos os editores da Europa e América*, no qual não constam os gêneros nem autores, editado pela Bushmann & Guimarães. A Editora Imprensa de Música da Viúva Filippone e Filha aparece como responsável pelas publicações de um volume contendo 8 valsas, de Chopin, um volume contendo 50 melodias, e vários álbuns dos quais não constam os autores; um álbum contendo 40 peças, danças, hinos e bailados espanhóis; um volume contendo 40 polcas célebres; um volume contendo 25 quadrilhas; um volume contendo 12 overtures célebres; um álbum contendo 12 noturnos modernos; um álbum contendo 12 noturnos modernos; um álbum contendo 40 minuetos célebres; um álbum contendo 40 marchas célebres; um álbum contendo 27 gavotas célebres; um álbum contendo 10 valsas e polcas das mais modernas. Entre as publicações realizadas pela Bevilacqua constam: um volume de Mazurkas, de Chopin; um volume de sonatas, de Schubert. Entre as publicações da Bevilacqua também constam os álbuns *Noturnos*, *Óperas completas* (diversas óperas em volumes individuais) e *Fantasia para salão*, dos quais não constam os autores. O anúncio da publicação *Pagine d'Album* (trechos de música), de A.C. Ribeiro de Andrade Machado e Silva Junior (música) e Stecchetti (palavras), não traz o nome da editora.

Dentre os métodos para o estudo de música constam: *Arte Simplificada da Música*, de Dr. A. de Castro Lopes; *Princípios da Música*, de Augusto Savard; *Método de Transposição*, de Augusto Savard; *Solfejos do Instituto Nacional de Música*, de Cheriebini, Catel, Méhul e Cossec; *Primeiras Noções Sobre Música* (extraídas dos Princípios da Música de A. Savard, professor do Conservatório de Paris), de A. Fontes Junior. Dentre as demais publicações encontramos o *Dicionário Musical*, de Raphael Machado, e o *Livro de Lembranças do Pianista*, de Henrique Lemoine.

Essa lista de partituras e métodos publicados que constam nos anúncios do *Jornal do Commercio* nos dá um panorama do mercado editorial do ano de 1891 e do repertório mais praticado pelos instrumentistas que liam música. Também podemos confirmar a música para piano como a mais publicada, assim como a presença de gêneros como a valsa, polca, *mazurka*, quadrilha e o *schottisch* que trataremos mais à frente.



Hegemonia feminina nos anúncios do *Jornal do Commercio*

Na pesquisa realizada nas edições do *Jornal do Commercio*, de 1891, foram encontrados 33 anúncios de professoras e professores particulares de música. As mulheres seriam as grandes responsáveis por essas aulas. São delas 28(85%) desses anúncios, sendo que apenas 5 (15%) são de homens e um dos anúncios é feito em conjunto por uma professora e um professor. Para além da música, essas professoras exerceriam um importante papel na educação, pois, elas também se dedicavam a outras disciplinas que iam de línguas, história, geografia e aritmética à religião e trabalhos manuais.

Um total de 20 (71%) dentre essas 28 professoras ofereciam também outras aulas como: línguas (francês – 13 citações; português – 11 citações; inglês – 8 citações; alemão – 2 citações; latim – 1 citação), disciplinas escolares (aritmética – 16 citações; história – 8 citações; geografia – 7 citações; desenho – 3 citações; pintura – 1 citação; matemática – 1 citação; ciências – 1 citação; estudos clássicos e literários – 1 citação; instrução primária – 1 citação), religião (2 citações), instrução moral e religiosa (1 citação) e trabalhos manuais, tais como tapeçaria (2 citações), bordado (1 citação); flores de couro (1 citação), flores de filigrana de ouro e prata, de cera, escama e outras qualidades (1 citação), trabalhos de agulha (2 citações) e trabalhos de fantasia (1 citação). Vale o registro de que seis dessas vinte professoras identificam-se como estrangeiras (uma francesa, uma alemã e as outras quatro não informam a nacionalidade, e que todas as seis ofereciam também aulas de língua).

Por outro lado, entre os anúncios dos professores, não constam ofertas de quaisquer outras disciplinas que não estejam dentro da área musical. Dentre os 5 anúncios, temos 2 que citam, exclusivamente, o ensino do piano. Outros dois oferecem piano, canto, flauta e outros instrumentos (podendo ser possivelmente do mesmo professor, pois, embora nos anúncios constem endereços diferentes, o texto da oferta se refere igualmente a aulas de “piano, canto, flauta e outros instrumentos”) e um que oferta aula de Harmonia com prática aplicada ao piano. O anúncio feito em conjunto por uma professora e um professor oferece aulas de música, solfejo, piano, canto, português, francês e desenho, não explicitando quem se encarregava de cada disciplina.



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

Ressalta-se, portanto, nos anúncios do *Jornal do Commercio*, em 1891, a presença majoritária de mulheres no ensino de música particular (28 professoras e 5 professores), tendo o piano como instrumento com maior número de ofertas (24 ofertas em 34 anúncios) e o fato delas dedicarem-se ao ensino também de outras disciplinas alheias ao campo musical (20 entre as 28 professoras). Entre os professores, encontramos dois que ofereciam outros serviços, além da aula de piano. Um deles oferta serviço de afinação de piano e o outro para tocar para famílias nos dias santos.

A hegemonia das mulheres no ensino de música particular pode ser percebida ainda nos anúncios de procura por professoras de música. Elas são requisitadas em 4 dentre os 5 que foram encontrados. Isso nos reafirma que eram as mulheres quem se dedicavam em maior número e pareciam receber mais credibilidade em aulas de música, também fora da cidade do Rio de Janeiro, pois 3 dos 4 anúncios são para lecionar em São Paulo e outro em uma fazenda em local não especificado, mas possivelmente no Estado do Rio de Janeiro. A solicitação de professoras, provavelmente, também se deve ao fato de que, além de aulas de piano e música, em 3 dos 4 anúncios também são requisitadas aulas de línguas, desenho, aritmética, história, geografia e prendas. Aulas que, de acordo com o material apurado, eram ofertadas apenas por mulheres. Dois desses anúncios também pedem que sejam professoras estrangeiras, sendo que um deles também especifica que a aula seria para uma mocinha. Um único anúncio dos cinco foge à regra, ao solicitar um padre para aulas de música no Estado do Espírito Santo.

Os professores em maior destaque no Almanak Laemmert

O *Almanak Laemmert* nos revela outro panorama em relação à questão da presença de professores atuando na cidade. O catálogo apresenta um número bem maior de homens na atividade do que mulheres. A destacada presença do piano no ensino musical também pode ser percebida logo no título do item referente aos professores de música no *Almanak Laemmert* onde se lê "Professores de Música, Piano e diversos Instrumentos". A consulta realizada a partir da edição do *Almanak*, de 1891, apresenta um total de 88 anúncios de aulas de música. Desse total, identificamos 71 (81%) anúncios como sendo de professores, 14 (16%) de



Ensino musical no Rio de Janeiro do final do século XIX: um cenário das aulas particulares de música na cidade.

Fábio Henrique Viana
Robert Moura

professoras e 3 (3%) anúncios que devido à abreviação do primeiro nome, não foi permitido identificar o sexo.

Sendo um catálogo comercial da cidade do Rio de Janeiro, podemos concluir que o *Almanak Laemmert* apresenta uma relação de professores que exerciam uma atuação mais formal em relação às aulas de música do que os que aparecem nos anúncios do *Jornal do Commercio*. O que também pode ser deduzido em razão de nomes de músicos conhecidos que exerciam a atividade musical em outras áreas além da docência, como composição e apresentações públicas como Henrique Alves de Mesquita, Ernesto Nazareth, Henrique Braga, Alfredo Bevilacqua, Hugo Bussmeyer, Frederico Nascimento, Isidoro Bevilacqua, Miguel Cardoso, Paul Faulhaber e Vincenzo Cernichiaro.

O *Almanak Laemmert* (p. 203) registra que José Soares Barbosa era o mestre de música da Escola de Aprendizes Artilheiros no ano de 1891. Na Companhia de Aprendizes Artífices as aulas de música estavam sobre a responsabilidade de José Pedro de Carvalho (ALMANAK LAEMMERT, p. 210). João Pereira da Silva era o mestre de música do Batalhão Naval do Quartel da Fortaleza da Ilha das Cobras e do Corpo de Marinheiros Nacionais (ALMANAK LAEMMERT, p. 368-370).

Considerações finais

Reunindo os dados do *Jornal do Commercio* e do *Almanak Laemmert* temos um total de 121 anúncios de ofertas de aulas de música de professores e professoras na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1891. Desse montante, 76 (62%) são de professores, 42 (34%) de professoras, e descartamos 4 (3%) por 3 deles (no *Almanak*) não nos permitirem identificar o gênero devido à abreviação do prenome, e 1 (no *Jornal do Commercio*) que foi feito em conjunto por uma professora e um professor. Assim, encontramos um cenário diferente da nossa pesquisa inicial que apontava para uma maior presença de mulheres dedicando-se ao ensino da música na cidade. De toda forma, é importante considerar a presença das mulheres como educadoras musicais, tendo elas aparecido como maioria entre os anúncios de aulas particulares do *Jornal do Commercio*, sobretudo de piano e dedicando-se também a outras disciplinas, fundamentalmente às línguas.



Referências

BRASIL, Bruno. Jornal do Commercio (Rio de Janeiro). Hemeroteca Digital, 17/8/ 2015. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/artigos/jornal-do-commercio-rio-de-janeiro/>. Acessado em: 9 out. 2020.

EDMUNDO, Luís. O Rio de Janeiro do meu tempo. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. <http://dc.itamaraty.gov.br/imagens-e-textos/revista-textos-do-brasil/portugues/revista12-mat2.pdf>

JORNAL DO COMÉRCIO. Porto Alegre, 29/4/2016. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2016/04/economia/496242-apos-189-anos-jornal-do-commercio-do-rio-de-janeiro-deixa-de-circular.html. Acessado em: 9 out 2020.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

TABORDA, Marcia Ermelindo. **Violão e identidade nacional: Rio de Janeiro 1830/1930**. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2004.

VASCONCELOS, Ary. **A nova música da República Velha**. Não consta local: edição do autor, 1985.